

## Aula 1 – 1º semestre (03/09/2014)

Carta de Werther.

- Quem é essa pessoa (personagem)?

---

---

- De que época ela vem?

---

---

- Quais questões ela nos apresenta em seu discurso?

---

---

---

*Johann Wolfgang Von Goethe* (1749-1832), conhecido como Goethe, foi um escritor alemão, autor do livro precursor do Romantismo “Os Sofrimentos do Jovem Werther”.

### Retomada do Romantismo:

Foi uma corrente artística do século XIX que tinha três palavras de ordem: individualismo, subjetivismo e intensidade. Aconteceu durante a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e a chegada da Família Real ao Brasil.

Falando em Brasil, aqui o Romantismo é entendido em três gerações: *Indianista ou Nacionalista, Mal do Século e Condoreira*.

**Ideias Chave:** Sentimentalismo, supervalorização do amor romântico, idealização da mulher, melancolia, boemia, exaltação da Pátria, difusão da literatura.

- Será que essas questões, esses temas, são tão distantes da nossa realidade?

---

---

- Por que é importante termos contato com essas leituras?

---

---

---

### Proposta de leitura:

*O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado pela primeira vez em 1890, foi escrito em um período de profundas transformações na paisagem urbana do Rio de Janeiro, captadas ali com o registro cru do naturalismo, que, ao contrário do romantismo, rejeitava qualquer forma de idealização do real.

**Até 17/10 Ler pelo menos os três primeiros capítulos.**

## Aula 2 – 1º semestre (17/09/2014)

### 1º GERAÇÃO DO ROMANTISMO

#### ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

Antônio Gonçalves Dias nasceu no Maranhão em 10 de agosto de 1823. É também, junto com Gonçalves de Magalhães, introdutor do Romantismo no Brasil.

## Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

(Gonçalves Dias)

## GONÇALVES DE MAGALHÃES

O escritor Domingos José Gonçalves de Magalhães, o Visconde de Araguaia, nasceu em Niterói (RJ), no ano de 1811. Em 1832, publicou a obra *Poesias*. Em Paris, publica um manifesto intitulado *Discurso sobre a Literatura no Brasil* e funda a *Niterói, Revista Brasiliense* em parceria com os brasileiros Araújo Porto-Alegre e Torres Homem. Em 1836 publicou *Suspiros Poéticos e Saudades*, considerada a primeira obra do movimento romântico brasileiro.

### A tristeza

Triste sou como o salgueiro  
Solitário junto ao lago,  
Que depois da tempestade  
Mostra dos raios o estrago.

De dia e noite sozinho

Causa horror ao caminhante,  
Que nem mesmo à sombra sua  
Quer pousar um só instante.

Fatal lei da natureza  
Secou minha alma e meu rosto;  
Profundo abismo é meu peito  
De amargura e de desgosto.

Triste sou como o salgueiro  
Solitário junto ao lago,  
Que depois da tempestade  
Mostra dos raios o estrago.

De dia e noite sozinho  
Causa horror ao caminhante,  
Que nem mesmo à sombra sua  
Quer pousar um só instante.

Fatal lei da natureza  
Secou minha alma e meu rosto;  
Profundo abismo é meu peito  
De amargura e de desgosto.

À ventura tão sonhada,  
Com que outrora me iludia,  
Adeus disse, o derradeiro,  
Té seu nome me angustia.

Do mundo já nada espero,  
Nem sei por que inda vivo!  
Só a esperança da morte  
Me causa algum lenitivo.

(Gonçalves de Magalhães)

## **2º GERAÇÃO DO ROMANTISMO**

### **FAGUNDES VARELA**

São João Marcos, 1841 — Niterói, 18 de fevereiro de 1875) foi um poeta brasileiro. Fez parte da terceira geração de poetas românticos do Brasil. Sua poesia além de apresentar temas sociais e políticos, desenvolveu também temas sobre a natureza e temas que falam de angústia, solidão, melancolia e desengano.

### **Juvenília VII**

Ah! quando face a face te contemplo,  
E me queimo na luz de teu olhar,  
E no mar de tua alma afogo a minha,  
E escuto-te falar;

Quando bebo no teu hálito mais puro  
Que o bafejo inefável das esferas,  
E miro os róseos lábios que aviventam  
Imortais primaveras,

Tenho medo de ti!... Sim, tenho medo  
Porque pressinto as garras da loucura,  
E me arrefeço aos gelos do ateísmo,  
Soberba criatura!

Oh! eu te adoro como a noite  
Por alto mar, sem luz, sem claridade,  
Entre as refegas do tufão bravio  
Vingando a imensidade!

Como adoro as florestas primitivas,  
Que aos céus levantam perenais folhagens,  
Onde se embalam nos coqueiros presas

Como adoro os desertos e as tormentas,  
O mistério do abismo e a paz dos ermos,  
E a poeira de mundos que prateia  
A abóbada sem termos! ...

Como tudo o que é vasto, eterno e belo;  
Tudo o que traz de Deus o nome escrito!  
Como a vida sem fim que além me espera  
No seio do infinito.

(Fagundes Varela)

## **ALVARES DE AZEVEDO**

(1831-1852) foi um poeta, escritor e contista, da segunda geração romântica brasileira. Suas poesias retratam o seu mundo interior.

### **Se eu morresse amanhã**

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!

### **CASIMIRO DE ABREU**

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Barra de São João (RJ) no dia 4 de janeiro de 1839 e faleceu em Barra de São João (RJ) em 18 de outubro de 1860. Tornou-se um dos poetas mais conhecidos do Romantismo justamente porque tem características na linguagem que o aproximam da fala popular. Casimiro de Abreu faleceu vitimado pela tuberculose aos 21 anos de idade.

### **Meus 8 anos**

Oh ! que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
– Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é – lago sereno,  
O céu – um manto azulado,  
O mundo – um sonho dourado,  
A vida – um hino d’amor!

Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
Naquela doce alegria,

Naquele ingênuo folgar!  
O céu bordado d’estrelas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!

Oh ! dias de minha infância !  
Oh ! meu céu de primavera !  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!

### **SICK-LIT, A NOVA E POLÊMICA LITERATURA PARA ADOLESCENTES**

Sick-lit

Sick = doença/enfermidade

Lit = sigla para “literatura”

“literatura enferma”

### Mal do século

Encaixado em livros de autores como Goethe, de acordo com a definição encontrada no Dicionário de Termos Literários, de Moisés Massaud, o Mal do Século é definido como “Pessimismo extremo, sensação de perda de suporte, apatia moral, melancolia, tristeza, culto do sonho, da inquietude, tédio, sofrimento, ausência da alegria de viver, fantasia desmedida, *atração pelo infinito*, desencanto em face do cotidiano, desilusão amorosa, nostalgia, falta de sentimento vital, depressão profunda, resultando em males físicos, mentais ou imaginários *que levam à morte precoce ou ao suicídio*”.

Apresentava características como ambientação noturna, recorte depressivo da realidade, alienação e sarcasmo. Além disso, os escritores demonstravam grande pessimismo e melancolia, sempre mergulhados em esferas sentimentais e bastante íntimas.

As características do Mal do Século estão apresentadas entre os sentimentos do protagonista, que normalmente são de melancolia, ódio, rancor ou medo. Há também a presença da mulher amada/idealizada, que, geralmente, tem traços marcantes. O sujeito que ama é pobre, desgostoso, insano, altivo e infeliz.

- Perante a isso, que relações vocês conseguem fazer com os livros falados?
- 
- 

### ROMANTISMO NO MUNDO

O romantismo é todo um período cultural, artístico e literário que se inicia na Europa no final do século XVIII, espalhando-se pelo mundo até o final do século XIX

O berço do romantismo pode ser considerado três países: Itália, Alemanha e Inglaterra. Porém, na França, o romantismo ganha força como em nenhum outro país.

#### Características principais deste período:

- Valorização das emoções;
- Liberdade de criação;
- Amor platônico;
- Temas religiosos;
- Individualismo;
- Nacionalismo e história.
- Este período foi fortemente influenciado pelos ideais do iluminismo e pela liberdade conquistada na Revolução Francesa.

#### VICTOR HUGO

Um dos grandes autores do Romantismo internacional, Victor Hugo era francês e trazia em suas obras o eterno embate humano contra o mal. O estranho, o maravilhoso, o exótico e o pitoresco figuravam recorrentemente nos seus textos.

#### EDGAR ALLAN POE

Nasceu em Boston nos EUA em 19 de Janeiro de 1809 e ficou órfão muito cedo, aos três anos de idade. Começou a vida de escritor publicando livros de poemas que foram praticamente ignorados pelo público e pela crítica. Foi em 1835 que ele começou a vender para revistas literárias os contos que escrevia, tornando-se mais tarde editor de várias delas. Ele é considerado o inventor das histórias de terror e suspense policial e um dos primeiros escritores a ganhar a vida escrevendo.

## BYRON

George Gordon Noel Byron (1788 – 1824), mais conhecido como Lord Byron, foi um poeta britânico, grande precursor do romantismo na Inglaterra. Sua literatura, marcada pelo gosto gótico do autor, é bastante lida até hoje, e representa o pessimismo e o lado obscuro de ser humano.

### A uma taça feita de um crânio humano

Não recues! De mim não foi-se o espírito...  
Em mim verás – pobre caveira fria –  
Único crânio que, ao invés dos vivos,  
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte  
Arrancaram da terra os ossos meus.  
Não me insultes! empina-me!... que a larva  
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais vale guardar o sumo da parreira  
Do que ao verme do chão ser pasto vil;  
– Taça – levar dos Deuses a bebida,  
Que o pasto do réptil.

Que este vaso, onde o espírito brilhava,  
Vá nos outros o espírito acender.  
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro  
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,  
Quando tu e os teus fordes nos fossos,  
Pode do abraço te livrar da terra,  
E ébria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida  
Tanto mal, tanta dor ai repousa?  
É bom fugindo à podridão do lado  
Servir na morte enfim p'ra alguma coisa!...

## JANE AUSTEN

Nasceu dia 16 de dezembro de 1775, em Hampshire, na Inglaterra. Na adolescência, Austen escrevia comédias, e seu primeiro livro bem acabado foi *Lady Susan*, escrito em forma epistolar, quando a autora tinha dezenove anos. Em 1797, Austen já havia escrito dois romances, *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*. Jane Austen também é autora de *Emma*, *Mansfield Park* e *A abadia de Northanger*, romances nos quais buscava retratar a sociedade da época e a busca da mulher pelo melhor casamento, como única forma de ascender socialmente. Morreu em 18 de julho de 1817, aos 42 anos.

### **Aula 3 – 1º semestre (24/10/2014)**

#### 3ª GERAÇÃO DO ROMANTISMO NO BRASIL

A Terceira Geração Romântica no Brasil conhecida como "**Geração Condoreira**", uma vez que esteve marcada pela liberdade e uma visão mais ampla, características da ave que habita a Cordilheira dos Andes: Condor.

Nesta fase, a busca pela identidade nacional ainda continua, não só focada nas etnias européia e indígena, mas também na identidade negra do país. Por esse motivo, o tema do abolicionismo foi bastante explorado pelos escritores, com destaque para Castro Alves, que ficou conhecido como o "poeta dos escravos".

- Erotismo
- Pecado
- Liberdade
- Abolicionismo
- Realidade social
- Negação do amor platônico

**CASTRO ALVES** - Se estivesse vivo, Antônio de Castro Alves teria 167 anos. Em suas poesias denunciou a crueldade da escravidão e clamou pela liberdade, dando ao romantismo um sentido social e revolucionário que o aproxima do realismo. Foi também o poeta do amor, sua poesia amorosa descreve a beleza e a sedução do corpo da mulher. É patrono da cadeira nº7 da Academia Brasileira de Letras.

#### **Duas Flores**



São duas flores unidas  
São duas rosas nascidas  
Talvez do mesmo arrebol,  
Vivendo, no mesmo galho,  
Da mesma gota de orvalho,  
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como os prantos,  
Que em parelha descem tantos  
Das profundezas do olhar...  
Como o suspiro e o desgosto,  
Como as covinhas do rosto,  
Como as estrelas do mar.

Unidas, bem como as penas  
das duas asas pequenas  
De um passarinho do céu...  
Como um casal de rolinhas,  
Como a tribo de andorinhas  
Da tarde no frouxo véu.

Unidas... Ai quem pudera  
Numa eterna primavera  
Viver, qual vive esta flor.  
Juntar as rosas da vida  
Na rama verde e florida,  
Na verde rama do amor!

**JOSÉ DE ALENCAR** - Filho de um ilustre senador do império, José Martiniano de Alencar cursou advocacia, mas logo tornou-se político, jornalista e escritor. Foi nessa última atividade que obteve maior destaque para a posteridade. Considerado o maior romancista do Romantismo brasileiro, Alencar criou uma literatura nacionalista, empregando um vocabulário e uma sintaxe típicos do Brasil e evitando o estilo lusitano (de Portugal), que até então prevalecia na literatura aqui produzida.

---

---

---

---

**JOAQUIM MANUEL DE MACEDO** - O médico e escritor Joaquim Manuel de Macedo, nasceu em 24 de junho de 1820 em Itaboraí, RJ, e faleceu em 11 de abril de 1882, no Rio de Janeiro, RJ. Em 1844 publicou seu romance de maior sucesso, *A Moreninha*. O escritor foi um dos fundadores da revista "Guanabara", com Gonçalves Dias e Manuel de Araújo Porto-Alegre. Sua obra é extensa e de grande importância literária, visto que é considerado um dos fundadores do romance no Brasil e um dos principais responsáveis pela criação do teatro também no Brasil. Macedo é o patrono da cadeira nº. 20 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

---

---

---

---

**MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA** - Nascido e falecido no Rio de Janeiro, Manuel Antônio de Almeida foi um importante fomentador das letras brasileiras. Seu romance mais famoso, *Memórias de um Sargento de Milícias*, foi publicado em formato de folhetim entre os anos de 1852 e 1853 no periódico *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro.

O romance é uma obra inovadora para sua época pois rompe com o retrato exclusivo da vida e dos hábitos da aristocracia para retratar o ambiente e a linguagem do povo em sua simplicidade. Além disso, Leonardinho, o protagonista, não é o protótipo do herói romântico, mas sim, um menino travesso que mais tarde se transforma em um jovem **pícaro**, dado à vadiagem e à malandragem no lugar de procurar uma ocupação.

Trecho de "Memórias de um Sargento de Milícias", Manuel Antonio de Almeida

Capítulo II - Primeiros Infortúnios

(...)

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém ele não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas.

Assim chegou aos 7 anos.

Afinal de contas a Maria sempre era **saloia**, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia ele desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era **atraído**. Havia alguns meses atrás tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos através das **rótulas**: uma ocasião, recolhendo-se, parecera-lhe que o vira encostado à janela. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo colega seu o procurasse em casa, para tratar de negócios do ofício, sempre em horas desconhecidas: porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por três ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta adentro; alguém que estava na sala abriu precipitadamente a janela, saltou por ela para a rua, e desapareceu.

À vista disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as **estribeiras**; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia embaixo do braço, e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandessíssima!...

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou... e pôs-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dois passos e pôs-se em guarda, pois também não era das que se receava com qualquer coisa.

— Tira-te lá, ó Leonardo!

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que tranco-te essa boca a socos...

— Safe-se daí! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo?

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor aumentou-lhe a dor da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistência desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre!...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguês, e não podia largá-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda essa cena com imperturbável sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, este ocupava-se tranqüilamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer delas uma grande coleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma coisa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritória em que se ocupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia-volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sobre os glúteos, atirando-o sentado a quatro braças de distância.

— És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

(...)

**BERNARDO GUIMARÃES** - Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, magistrado, jornalista, professor, romancista e poeta, nasceu em Minas Gerais, em 1825, e faleceu na mesma cidade, em 1884. Bernardo Guimarães teria introduzido no Brasil o bestialógico (ou pantagruélico), que se tratava de poesia cujos versos não tinham nenhum sentido, embora bem metrificados. Usando do burlesco, o satírico e o nonsense, esta poesia faz de Bernardo Guimarães um precursor brasileiro do surrealismo. O seu livro mais conhecido é "A Escrava Isaura". Foi publicado pela primeira vez em 1875.

### **Eu vi dos pólos os gigantes alados**

Eu vi dos pólos o gigante alado,  
Sobre um montão de pálidos coriscos,  
Sem fazer caso dos bulhões ariscos,  
Devorando em silêncio a mão do fado!

Quatro fatias de tufão gelado  
Figuravam da mesa entre os petiscos;  
E, envolto em manto de fatais rabiscos,  
Campeava um sofisma ensanguentado!

— "Quem és, que assim me cercas de episódios?"  
Lhe perguntei, com voz de silogismo,  
Brandindo um facho de trovões seródios.

— "Eu sou" — me disse, — "aquele anacronismo,  
Que a vil coorte de sulfúreos ódios  
Nas trevas sepultei de um solecismo..."

### **Nariz perante ao poeta**

Cantem outros os olhos, os cabelos  
E mil cousas gentis  
Das belas suas: eu de minha amada  
Cantar quero o nariz

Não sei que fado mísero e mesquinho  
É este do nariz  
Que poeta nenhum em prosa ou verso  
Cantá-lo jamais quis.

**EUCLIDES DA CUNHA** - Euclides da Cunha (1866 – 1909) foi, dentre muitas outras coisas engenheiro, professor, jornalista, poeta e romancista, sendo um importante escritor brasileiro. Em 1897, Euclides mudou-se do Rio de Janeiro para São Paulo, onde passou a fazer a cobertura da revolta de Canudos para o jornal O Estado de S. Paulo. A partir desta experiência como jornalista, nasce a obra mais conhecida do autor: *Os Sertões*, publicada em 1902. Euclides foi assassinado em 1909, pelo amante de sua esposa.

---

---

---

---

---

---

## Aula 4 – 2º semestre (31/10/2014)

### REALISMO

**MACHADO DE ASSIS** - Machado de Assis, nascido em 1839 e falecido em 1908, é um dos maiores romancistas do Brasil. Também escreveu peças, poesias e ensaios críticos. Filho de um pintor de paredes empobrecido, conseguiu fazer parte da elite literária, apesar de ter recebido pouca educação formal. Machado aprendeu sozinho o francês e o inglês e, em 1897, fundou a Academia Brasileira de Letras, tornando-se seu primeiro presidente. Seus romances eram conhecidos e apreciados, sobretudo, pela profundidade psicológica e, com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, começou uma nova etapa, rompendo muitas das convenções literárias de sua época. Conto: A Cartomante.

---

---

---

---

---

---

**EÇA DE QUEIRÓS** - Vila do Conde, 25 de novembro de 1845 - Paris, 16 de agosto de 1900. Escreveu romances como *Os Maias*, *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*. Foi discípulo do escritor francês Gustave Flaubert, de quem recebeu grande influência literária. É considerado até os dias de hoje como sendo um dos principais representantes do realismo português.

---

---

---

---

---

---

**GUSTAVE FLAUBERT** - Foi um importante escritor francês do século XIX. Nasceu na cidade de Rouen (França) em 12 de dezembro de 1821 e faleceu em Croisset (França) em 8 de maio de 1880. É considerado um dos principais representantes do Realismo. Destacou-se por seus romances e contos. Sua principal obra foi o romance **“Madame Bovary”** de 1857.

---

---

---

---

---

---

### REALISMO NO BRASIL E NO MUNDO

- Foi um movimento que surgiu em reação ao Romantismo.
- As obras realistas procuram criticar a sociedade através dos comportamentos dos personagens.
- No realismo, os personagens não representam mais o ser apaixonado, que possui amor platônicos e sofre com o sentimentalismo exacerbado. Agora, este ser possui um papel perante a sociedade, é menos fantasioso, mais crítico e objetivo.

- No Brasil, o Realismo surge na segunda metade do século XIX, sendo seu percussor o autor Machado de Assis, com a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, publicada em 1981.
- Na Europa, o Realismo teve início com a publicação da obra “Madame Bovary” de Gustave Flaubert, publicado em 1957.

### **A Cartomante -Machado de Assis**

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! Tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No

princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras.

Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di feminina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas. Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a alevisia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvaír-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se... ?

Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não, viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela. curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.



— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tílburí esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

## Aula 5 – 1º semestre (07/11/2014)

**NATURALISMO:** é uma ramificação do Realismo e uma das suas principais características é a retratação da sociedade de uma forma bem objetiva. Os naturalistas abordam a existência humana de forma materialista. O homem é encarado como produto biológico passando a agir de acordo com seus instintos, chegando a ser comparado com os animais (zoomorfização). O Naturalismo, o homem é desprovido do livre-arbítrio, ou seja, o homem é uma máquina guiada por vários fatores: leis físicas e químicas, hereditariedade e meio social, além de estar sempre à mercê de forças que nem sempre consegue controlar. Para os naturalistas, o homem é um brinquedo nas mãos do destino e deve ser estudado cientificamente.

### **CARACTERÍSTICAS:**

- A principal característica do Naturalismo é o **cientificismo exagerado** que transformou o homem e a sociedade em objetos de experiências.
- Descrições minuciosas e linguagem simples
- Preferência por temas como miséria, adultério, crimes, problemas sociais, taras sexuais e etc. A exploração de temas patológicos traduz a vontade de analisar todas as podridões sociais e humanas sem se preocupar com a reação do público.
- Ao analisar os problemas sociais, o naturalista mostra uma vontade de reformar a sociedade, ou seja, denunciar estes problemas, era uma forma de tentar reformar a sociedade.

### **ALUÍSIO AZEVEDO E O CORTIÇO**

---

---

---

---

---

#### ***Pobre Amor***

*Calcula, minha amiga, que tortura!  
Amo-te muito e muito, e, todavia,  
Preferira morrer a ver-te um dia  
Merecer o labéu de esposa impura!*

*Que te não enteneça esta loucura,  
Que te não mova nunca esta agonia,  
Que eu muito sofra porque és casta e pura,  
Que, se o não foras, quanto eu sofreria!*

*Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses  
Com teus beijos de amor, meus lábios tristes,  
Com teus beijos de amor, as minhas faces!*

*Persiste na moral em que persistes.  
Ah! Quanto eu sofreria se pecasses,  
Mas quanto sofro mais porque resistes!  
(Aluísio Azevedo)*

## 1º Semestre – 14/11/14

O Parnasianismo foi contemporâneo do **Realismo-Naturalismo**, estando, portanto, marcado pelos ideais cientificistas e revolucionários do período. Diz respeito, especialmente, à poesia da época, opondo-se ao subjetivismo e ao descuido com a forma do **Romantismo**.

Os parnasianos prezavam pela linguagem trabalhada; preferiam usar palavras sofisticadas e incomuns, dispendo-as nas frases pensando em compor então poemas de métrica e rima perfeitas. Os fundamentos parnasianos retomaram a perfeição formal almejada pela Antiguidade clássica.

### Características

- **Arte pela arte: sem influências da realidade nas formas ou conteúdos.**
- **Objetividade e impessoalidade: em oposição ao sentimentalismo exacerbado.**
- **Culto da forma: ao contrário do descuido formal dos românticos.**
- **Racionalismo: surge a poesia filosófica.**
- **Visão carnal do amor: em oposição à visão espiritual dos românticos. Vênus é citada como modelo de mulher.**

### Olavo Bilac

Olavo Bilac foi jornalista, poeta, inspetor de ensino. Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, em 28 de dezembro de 1918. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a Cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias.

### Alberto de Oliveira

Antônio Mariano de Oliveira (Saquarema, 28 de abril de 1857 — Niterói, 19 de Janeiro de 1937), foi um poeta, professor e farmacêutico brasileiro. Além disso, foi secretário estadual de educação, membro honorário da Academia de Ciências de Lisboa e fundador da Academia Brasileira de Letras.

### Raimundo Correia

Raimundo Correia, magistrado, professor, diplomata e poeta, nasceu em 13 de maio de 1859, em Mogúncia, MA, e faleceu em Paris, França, em setembro de 1911. Raimundo Correia ocupa um dos mais altos postos na poesia brasileira.

## Aula 7 – 1º semestre (21/11/2014)

### SIMBOLISMO

- Ênfase em temas místicos, imaginários e subjetivos;
  - Caráter individualista;
  - Desconsideração das questões sociais abordadas pelo Realismo e Naturalismo;
  - Estética marcada pela musicalidade (a poesia aproxima-se da música);
  - Produção de obras de arte baseadas na intuição, descartando a lógica e a razão;
  - Retorno à segunda fase romântica (“mal do século”);
  - Apesar da métrica definida, o Simbolismo desrespeitava a gramática com o intuito de não limitar o artista;
  - Atenção exclusiva ao “eu”, explorando-o através de uma linguagem pessimista e musical, de modo que a carga emotiva das palavras é ressaltada. A poesia é aproximada da música pelo uso de aliterações (repetições).
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 

**CRUZ E SOUZA:** João da Cruz e Sousa nasceu em 1861, Santa Catarina, e faleceu em 1898. Era filho de ex-escravos e ficou sob a proteção dos antigos proprietários de seus pais, após receberem alforria. Por este motivo, recebeu uma educação exemplar no Liceu Provincial de Santa Catarina. Apesar disso, Cruz e Sousa teve que enfrentar o preconceito racial que era muito mais evidente na época do que é hoje em dia. No entanto, isso não foi pretexto para desmotivá-lo, uma vez que é conhecido como o mais importante escritor do Simbolismo.

#### Da Senzala

De dentro da senzala escura e lamacenta  
Aonde o infeliz  
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta  
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada  
Alegre e sem rancor,  
Porém que foi aos poucos sendo transformada  
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala  
Aonde o crime é rei, e a dor - crânios abala  
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,  
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...  
e sim um assassino!

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**ALPHONSUS DE GUIMARÃENS:** Pseudônimo de Afonso Henrique da Costa de Guimarães, (1870 – 1921) foi além de juiz, um importante escritor simbolista brasileiro. A poesia deste autor é marcada por elementos místicos e religiosos. Sua obra predominantemente poética, aborda assuntos como morte, amor impossível e solidão. Quando viveu em Mariana (MG) foi apelidado de “O solitário de Mariana”, pois embora casado e com filhos, Afonso vivia bastante isolado.

### **Ismália**

Quando Ismália enlouqueceu  
Pôs-se na torre a sonhar  
Viu uma lua no céu  
Viu outra lua no mar

No sonho em que se perdeu  
Banhrou-se toda em luar  
Queria subir ao céu  
Queria descer ao mar

E num desvario seu  
Na torre pôs-se a cantar  
Estava perto do céu  
Estava longe do mar

E como um anjo pendeu  
As asas para voar  
Queria a lua do céu  
Queria a lua do mar

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par  
Sua alma subiu ao  
Seu corpo desceu ao mar.

---

---

---

---

---

---

**AUGUSTO DOS ANJOS:** Augusto dos Anjos nasceu em 1884, no Engenho do Pau d’Arco (PB). Foi educado pelo próprio pai até ao período antecedente à faculdade. Formou-se em Direito no Recife, contudo, nunca exerceu a profissão. Publicou um único livro, intitulado “Eu”, e trouxe inovação no modo de escrever, com ideias modernas, termos científicos e temáticas influenciadas por sua multiplicidade intelectual.

### **Versos Íntimos**

Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão - esta pantera -  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

---

---

---

---

---

---

---

---